

Leitores, tipógrafos e filólogos

João Luís Lisboa



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/158>

DOI: 10.4000/cultura.158

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2011

Paginação: 9-11

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

João Luís Lisboa, « Leitores, tipógrafos e filólogos », *Cultura* [Online], Vol. 28 | 2011, posto online no dia 13 novembro 2013, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/158> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.158>

Leitores, tipógrafos e filólogos

*João Luís Lisboa**

Filologia será uma palavra forte. Em todo o caso, como se procura demonstrar e como a tradição nos impõe, é apropriada para caracterizar uma das dimensões dos estudos sobre o livro. O conceito remete o leitor para estudos textuais, onde a língua é com frequência elemento central. Será também vista como disciplina que procura a “autenticidade” dos textos. Mas há outro mundo a considerar. Para os estudos sobre os livros, as leituras, a história da cultura escrita, o olhar do filólogo interessa porque se ocupa do que é móvel nos sentidos dos textos, e os pretende captar, incluindo as suas formas de transmissão. Uma Filologia não “essencialista” é recurso legítimo de investigadores de uma área a que se pode chamar, para simplificar, “História do livro e da leitura”. Foi, em todo o caso, a base de formação de alguns dos que marcaram esta área em Portugal, de Pina Martins a Artur Anselmo, passando por Maria de Lourdes Belchior e José Adriano Freitas de Carvalho. Querer saber mais sobre a literatura e a cultura portuguesas leva às formas concretas que os textos assumem, em cada momento. E mesmo em trabalhos onde a preocupação com a língua organiza o que se procura, note-se como os estudos que vêm de Lindley Cintra a Ivo de Castro e, mais recentemente, Rita Marquilhas, tiveram e têm ainda um papel decisivo para o conhecimento possível da historicidade da comunicação verbal e dos seus suportes.

Ao procurar entender a evolução das práticas letradas, e em particular as que assumiram as formas do livro, ultrapassa-se o estudo de intenções e precedências, para questionar os usos dos textos e os sentidos que historicamente foram tendo. Como consequência, os objectos do interesse, por esta perspectiva, deixam de ser os textos como essências espirituais, ou os seus suportes como meros artefactos técnicos. Aquilo que entendemos é que a história do livro não é feita predominantemente pela acumulação de contributos técnicos ou o acrescento de protagonistas, numa escalada quantitativa assintótica (mas tendencialmente cega e coxa). Reconhecem-se descontinuidades, conflitos, usos, onde a produção dos textos e dos seus suportes se interliga. Quando se interrogam os suportes da cultura escrita e o papel daqueles que os produziram, está-se a contribuir para reco-

* CHC, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

locar historicamente os sentidos do que se lia, dando continuidade aos trabalhos atrás mencionados (continuidade que implica distâncias, como se entenderá), mas também se está a recolocar numa escala ampla as transformações recentes vividas pelo mundo do livro (ou da mais vasta produção de conteúdos, para usar uma expressão corrente).

Ocorre-nos de novo o olhar do filólogo quando pensamos no eventual movimento pendular entre a precariedade do sentido dos manuscritos e do digital, por oposição à estabilidade potencial do texto impresso. Por estabilidade entendemos a possível permanência do seu sentido, ultrapassando tempos e lugares, mas também a estabilidade decorrente das próprias práticas de leitura que se associam ao objecto impresso, à estabilidade do conforto e da concentração da leitura, opondo-se à instabilidade, incomodidade, nervosismo da partilha dos textos pela oralidade, pelo manuscrito ou pelas redes digitais. É, assim, divertido verificar o quanto os leitores do século XV consideravam precário e imperfeito, embora inegavelmente veloz, o livro saído dos novos prelos. Um livro nervoso, multiplicado para além do que se podia imaginar, procurando ser o mais fiel possível aos livros “autênticos” (o que então identificava objectos copiados manualmente), produto de uma actividade mais artesanal do que espiritual, essa sim, aspirando a uma estabilidade que, em cada momento, a crítica textual desfaz e refaz.

O que tem sentido para cada leitor, gente de carne e osso? Não refiro a subjectividade radical de cada pessoa, mas os elementos que conferem legibilidade a um texto, em cada circunstância e a que um conjunto de leitores tem acesso e eventualmente partilha. Ao estudioso do livro e, por maioria de razões, ao estudioso da leitura, interessa a instabilidade dos sentidos dos textos, as suas leituras possíveis a partir dos elementos materiais e gráficos que os moldam, mas também tendo em conta as dimensões semânticas e conceptuais possíveis para leitores diferentes. A mobilidade do que constrói os sentidos depende, assim, não de leitores que correm atrás de textos sossegados, mas da transformação permanente do que se lê e de quem lê. Mudam os textos quando muda a relação que estabelecem com quem os lê e os usa (com quem lhes dá sentido), com os seus suportes, configurações e estatutos.

E, para a crítica dos sentidos fugidios, há regras de arte e de crítica. Não é um exercício desesperado. Interrogar a instabilidade dos textos e as suas formas (ou nas suas formas) pressupõe alguma confiança nas capacidades dos instrumentos disponíveis para o estudo. As distâncias não são intransponíveis e há respostas plausíveis sobre os sentidos que os textos foram tendo, as suas funções, seus agentes e leitores (talvez uma redundância se agentes são leitores e se todo o leitor produz os significados possíveis, partilhados, das suas leituras). A instabilidade e a descontinuidade não são, pois, radicais e ilegíveis à dis-

tância. Para essas respostas, há que considerar a informação disponível para os conjuntos de factores que interferem nos sentidos que os textos vão tendo. Há que recuperar informação frequentemente desprezada, invisível, colocando-a a par do que tradicionalmente entra em linha de conta na interpretação e na leitura, as expectativas dos leitores, a sua formação, os diferentes níveis de intervenção de quem participa nos vários estádios de produção do objecto escrito, os materiais escolhidos ou a que se recorreu, o seu estatuto, a composição dos espaços de escrita como a organização dos espaços de leitura.

Para este fazer, pode começar-se por ir em demanda de copistas e tipógrafos. Na senda do proposto por McKenzie, o que Robert Darnton vê na acção do “compositor B” da edição in 4º de 1619 do Mercador de Veneza será porventura “abuso”, e “pouco Shakespeare”, mas representa o que ele (compositor) considera legível, compreensível (*The Case for Books*, New York, Public Affairs, 2009, p. 132). O mesmo fazem os censores das sucessivas edições de *Os Lusíadas* de finais do século XVI e inícios do XVII. Melhoram o que dão a ler, ao que explicam. O caminho pode gerar perplexidades. A propósito da efeméride de um importante movimento literário, como foi o “Poesia 61”, pode-se destacar o papel da tipografia que acolheu os poetas (Palma). Ou, para entender o valor do que se lia, nos inícios do século XVII, procurar perceber os censores (Payan Martins). Ou, para pensar os espaços de organização da leitura, seguir a viagem daquele que virá a ser construtor de bibliotecas (Cabral), ou da instituição cujos registos nos falam dos leitores (Cataldo). Leitores e tipógrafos não são um só? Com os leitores das bibliotecas, os leitores que são ao mesmo tempo censores ou os tipógrafos que são eles também leitores? Não há um leitor. Há leitores diferentes, em todo o caso, com intervenções diferentes no objecto produzido, objecto que se repropõe a novas leituras. Estes artigos acabam por ser consequências bem articuladas com os que abrem este dossier, onde são os Filólogos que falam da História do Livro (o primeiro) e da leitura (o segundo). Artur Anselmo e Marcello Moreira dão, assim, uma orientação de leitura do conjunto dos textos que aqui se apresentam. Mas, para isso, o leitor terá de ler o conjunto, sequencialmente, abdicando da sua liberdade de ir apenas ao que lhe interessa e que para si faz mais sentido, desprezando as intenções de quem propõe a edição.